



## **Conhecimento Coletivo e Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) - Possibilidades Interacionais na Globalização Ecológica<sup>1</sup>**

Lucas MILHOMENS<sup>2</sup>

Olga TAVARES<sup>3</sup>

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

### **RESUMO**

Este artigo pretende refletir teoricamente sobre as atuais mudanças comunicacionais que podem ocorrer sob a égide da Globalização Ecológica. Como as tecnologias da informação e comunicação (TICs<sup>4</sup>), utilizadas na atuação em rede, o fluxo de comunicação e as possibilidades de interação virtual são centrais na sociedade moderna e têm se tornado muito importantes para a discussão das questões ambientais e para a difusão do conhecimento sustentável.

**PALAVRAS-CHAVE:** Conhecimento Coletivo; Tecnologias da Informação e Comunicação; Interatividade; Globalização Ecológica; Internet

### **Introdução**

A palavra da vez chama-se “mudança”. É com ela que lidamos diariamente em nossas atividades ditas triviais. Entre essas mudanças, uma torna-se central na sociedade moderna: a mudança comunicacional. Acessar a internet, mandar um e-mail, baixar uma canção em MP3, fazer amigos em um sítio de relacionamento e compartilhar conhecimento virtualmente já é realidade para milhões de pessoas em todo o mundo. O presente artigo visa refletir sobre estas questões e de como elas possibilitam uma nova realidade, ampliando a interatividade e a partilha do conhecimento coletivo produzido

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no NP Tecnologias da Informação e da Comunicação, do VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da UFPB, na linha de pesquisa Culturas Midiáticas Audiovisuais, e-mail: milhomenslucas@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Mestrado em Comunicação da UFPB, e-mail: olgatavares@cchla.ufpb.br

<sup>4</sup> <sup>4</sup>As Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) podem ser definidas como um conjunto de todas as atividades e soluções providas por recursos de computação. Na verdade, as aplicações para TICs são tantas - estão ligadas às mais diversas áreas - que existem várias definições e nenhuma consegue determiná-la por completo. Também é comumente utilizado para designar o conjunto de recursos não humanos dedicados ao armazenamento, processamento e comunicação da informação, bem como o modo de como esses recursos estão organizados num sistema capaz de executar um conjunto de tarefas. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Tecnologias\\_da\\_informa%C3%A7%C3%A3o](http://pt.wikipedia.org/wiki/Tecnologias_da_informa%C3%A7%C3%A3o). Acesso em julho de 2008.



através da Internet numa lógica de uma rede transversal e democrática do fluxo de comunicação, que tem sido um dos vetores principais para disseminar a globalização ecológica e comunicacional, com a criação de várias redes ambientais. Para isso, nossa intenção é também refletir sobre inúmeros aspectos da sociedade contemporânea globalizada, na qual a preocupação central tem recaído, justamente, nas questões ambientais. As tecnologias da informação e comunicação trazem elementos que determinam a complexidade da comunicação neste século 21, protagonizando uma inter-relação com os suportes e aparatos midiáticos, gerando uma nova perspectiva para a humanidade. Causas como a defesa da Amazônia são pautas centrais de várias organizações da sociedade civil. Que se articulam e se organizam (na difusão de suas idéias e ações) no ato de apropriação dos mecanismos comunicacionais oferecidos pelas TICs. Promover intervenções e protestos contra o desmatamento das florestas, poluição dos rios e mares, esgotamento dos recursos naturais e destruição da natureza também fazem parte destas possibilidades.

Ao mesmo tempo em que a ciência e os avanços tecnológicos se colocam inquestionáveis em nossas vidas, questionáveis são, em muitos casos, sua aplicabilidade. Vivemos num tempo em que fazer previsões dos avanços científicos se torna um exercício ficcional, podemos fazer projeções, não definições cartesianas. É necessário definir que o mundo globalizado está em construção. E, por isso mesmo, não podemos prescindir da qualidade de vida e de sustentabilidade intelectual para manter a natureza e os seres vivos sob perspectivas de sobrevivência a longo prazo; portanto, faz-se mister pensar a globalização ecológica como uma atitude político-social e cultural.

### **Sociedade Global e Meio Ambiente**

Feita esta exposição inicial é possível tecermos alguns comentários para analisar melhor nossa sociedade global e comunicacional. Em primeiro lugar é bom lembrarmos que as tecnologias (prioritariamente a do campo da comunicação) estão entre as maiores conquistas do mundo contemporâneo, elas são responsáveis, por exemplo, pela “facilidade” que temos hoje em utilizar mecanismos que, outrora, eram privilégios de especialistas.

Produzir/partilhar todo o tipo de conteúdo (vídeos, músicas, arquivos diversos etc.), inclusive construí-los coletivamente com qualquer pessoa, independente de seu espaço geográfico subvertido pela desterritorialização do espaço/tempo da era



globalizacional, idéia defendida pelo geógrafo Milton Santos (2000). Disponibilizar esses conhecimentos na grande teia mundial de computadores é algo de dimensões planetárias. Uma possibilidade direta de democratização do conhecimento nunca antes vista na história das civilizações. A expressão Inteligência Coletiva (IC) talvez explique um pouco este novo cenário de possibilidades. O termo IC põe diante de quem o observa a união de duas significativas palavras: inteligência e coletiva. Segundo Pierre Lévy (1999), a palavra inteligência, ao ser ouvida pode, sem muito esforço, levar o indivíduo a pensar a respeito de tudo o que se encontra armazenado em sua cabeça, desde o dia de seu nascimento até àquele exato momento presente; conseqüentemente, também o leva a se questionar se é ou não inteligente. Para ele inteligência é o conjunto canônico das aptidões cognitivas, a saber, as capacidades de perceber, de lembrar, de aprender, de imaginar, de raciocinar (1999). Não se trata somente da inteligência entendida no sentido cognitivo quase material, muito próximo da capacidade da memória, como sendo a faculdade de armazenar o maior número de informações na mente, é muito mais: trata-se de todas as faculdades humanas constituídas no decorrer da vida de cada indivíduo. Um exemplo de como esse conhecimento compartilhado acaba tornando-se coletivo é a enciclopédia colaborativa e virtual Wikipédia<sup>5</sup>, um caso emblemático e simbólico onde esta Rede Digital, constituída com a ossatura da Internet, materializa conhecimentos abundantes e plurais, disponíveis a todos que queiram acessá-los.

A inteligência coletiva não é um conceito exclusivamente cognitivo. Inteligência deve ser compreendida aqui como na expressão ‘trabalhar em comum acordo [...] Trata-se de uma abordagem de caráter bem geral da vida em sociedade e de seu possível futuro. Essa visão de futuro organiza-se em torno de dois eixos complementares: o da renovação do laço social por intermédio do conhecimento e o da inteligência coletiva propriamente dita [...] a arte de suscitar coletivos inteligentes e valorizar ao máximo a diversidade das qualidades humanas [...] elas acontecem quando falamos de mundos virtuais quando temos em mente vastas redes digitais, memórias, interfaces multimodais interativas, rápidas e nômades das quais os indivíduos poderão se apropriar facilmente. Imaginamos, sobretudo, uma relação com o saber diferente da que hoje prevalece, a instauração de um espaço de comunicação não-midiático, uma profunda renovação das relações humanas [...] uma reinvenção da democracia. (LÉVY, 1999, p. 26-94).

---

<sup>5</sup> A *Wikipédia* é uma enciclopédia multilíngüe *online* livre, colaborativa, ou seja, escrita internacionalmente por várias pessoas comuns de diversas regiões do mundo, todas elas voluntárias. Por ser livre, entende-se que qualquer artigo dessa obra pode ser transcrito, modificado e ampliado, desde que preservados os direitos de cópia e modificações, visto que o conteúdo da *Wikipédia* está sob a licença GNU/FDL (ou GFDL). Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia>. Acesso em julho de 2008.



Outra palavra-chave para entender a importância destes novos hábitos comunicacionais (que cronologicamente não têm mais do que 20 anos) chama-se tecnologias da informação e comunicação (TICs), juntamente com a Internet – intrinsecamente ligada a TICs –, elas possibilitaram um enorme crescimento do fluxo de comunicação e, por conseqüência, o desenvolvimento da informação que circula em rede, ramificada em vários espaços e central para nossa sociedade, como afirma Castells:

A Internet é o tecido de nossas vidas. Se a tecnologia da informação é hoje o que a eletricidade foi na Era Industrial, em nossa época a Internet poderia ser equiparada tanto a uma rede elétrica quanto ao motor elétrico, em razão de sua capacidade de distribuir a força da informação por todo o domínio da atividade humana. A Internet passou a ser a base tecnológica para a forma organizacional da Era da Informação: a rede [...] O ambiente de rede permite assim, a comunicação de muito com muitos, num momento escolhido, em escala global, a influência das redes baseadas na Internet vai além do número de seus usuários: diz respeito à qualidade do uso. Atividades econômicas, sociais, políticas, e culturais essenciais por todo o planeta estão sendo estruturadas pela Internet e em torno dela, como por outras redes de computadores. De fato, ser excluído dessas redes é sofrer uma das formas mais danosas de exclusão em nossa economia e em nossa cultura. (CASTELLS,2003, p.210)

Esta exclusão, a que se refere Castells (2003), e o novo contexto sociotecnológico foi apropriado perfeitamente pelo capitalismo moderno e seus expoentes. Logo após a 2ª Guerra Mundial, e na seqüência, durante a corrida armamentista ocasionada pela Guerra Fria, o investimento e aprimoramento tecnológico foi de um montante nunca visto antes na história das sociedades, o que, como veremos, mudou-a completamente. Hoje, com a hegemonia do capitalismo neoliberal e das grandes corporações transnacionais, potencializadas e potencializando as tecnologias da informação, nas quais o carro-chefe é a Internet e o ciberespaço, o maior valor econômico é dado a quem detém o controle da comunicação. Ou seja, quem detém a informação detém o poder. E o poder, numa sociedade capitalista, é o controle do capital, mesmo que hoje este capital seja um bem intangível e imaterial, encarnados nos processos comunicacionais do século 21.

Fazendo uma crítica a estes processos, a era da informação gerou distorções equivocadas infinitamente mais complexas que a velha exploração da mais-valia na antiga sociedade industrial do começo do século 20. Grandes corporações dominam o planeta e detém esse bem intangível. Essas corporações, num entrelaçamento global, expõem seus tentáculos que alcançam todas as partes do globo, em conglomerados transnacionais, fazendo da comunicação um terreno de monopólios e oligopólios



(CHOMSKY, 2005).

Mas, dentro de todo este cenário globalizacional e tecnológico, é um dos elementos desta mesma sociedade que está gerando outras possibilidades contra os grandes monopólios comunicacionais: a Internet como suporte da organização em rede.

O capitalismo informacional encontra barreiras persistentes em seu avanço, indo de encontro às possibilidades democráticas da Internet, que aperfeiçoou a comunicação em rede, descentralizada, compartilhada, plural e democrática. Hoje, mesmo quem não tem dinheiro para comprar bens tecnológicos pode usufruir da troca horizontal (de tudo que se possa imaginar) feita na grande teia mundial de computadores, inclusive se organizar para combater a lógica do monopólio do conhecimento e a vocação predatória de grandes setores internacionais públicos ou privados (governos e corporações empresariais) em exaurir os recursos naturais do planeta em nome do lucro a qualquer custo, mesmo que este “custo” seja o fim de nossa civilização. Talvez o exemplo de organização mais importante feita em rede – também denominada de ciberativismo<sup>6</sup> –, para combater a destruição dos recursos naturais e preservação do meio ambiente seja realizada pelo Greenpeace<sup>7</sup>, cujas ações globalizadas repercutem midiaticamente em quase todos os noticiários do planeta.

A lógica tecnicista da comunicação está presente em todos os espaços do mundo moderno. O Fórum Econômico Mundial (FEM)<sup>8</sup> certamente é uma de suas maiores instâncias. Seu discurso diz que o crescimento econômico deve ser formatado pelo investimento, uso e aplicação das tecnologias de informação e comunicação. Uma tese coerente se analisada pela ótica dos países e organismos mais ricos do mundo, e que compõem o FEM. Mas, na contramão dessa idéia, o movimento da sociedade civil organizada que ficou conhecido como “antiglobalização” (termo equivocadamente, por sinal) e surgido de uma série de lutas contra o “pensamento único”<sup>9</sup> - propagado pelos detentores do capital transnacional e seu poderio comunicacional –, ficou conhecido

---

<sup>6</sup> Ciberativismo é uma forma de ativismo realizado através de meios eletrônicos, como a informática e a internet. Na visão dos que o praticam, o ciberativismo é uma alternativa aos meios de comunicação de massa tradicionais, permitindo-lhes "driblar" o monopólio da opinião pública por estes meios, ter mais liberdade e causar mais impacto, ou é apenas uma forma de expressar suas opiniões. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ciberativismo>. Acesso em julho de 2008.

<sup>7</sup> O Greenpeace é uma organização global e independente que atua para defender o meio ambiente e promover a paz, inspirando as pessoas a mudarem atitudes e comportamentos. Está presente em mais de 40 países e conta com a colaboração de aproximadamente 3 milhões de pessoas. Disponível em: <http://www.greenpeace.org/brasil/quemsomos/>. Acesso em julho de 2008.

<sup>8</sup> O Fórum Econômico Mundial (FEM) é uma reunião anual – geralmente acontecida em Davos na Suíça –, e que reúne os executivos-chefes das corporações mais ricas do mundo, além de líderes políticos e intelectuais de todo o planeta.

<sup>9</sup> Conjunto de idéias sociais, culturais, políticas e econômicas que propagam uma concepção de mundo voltada ao consumismo neoliberal.



como Fórum Social Mundial (FSM)<sup>10</sup>, criado inicialmente para se contrapor ao FEM e que, a posteriori, seguiu seu próprio caminho e tomou de diretrizes outras que não só o antagonismo ao Fórum Econômico Mundial, exatamente, porque pensa a globalização sob a ótica de um desenvolvimento sustentável possível de conviver com as políticas econômicas de crescimento.

Fica claro que o direito de criar, acessar e compartilhar conhecimento gratuitamente não está nos planos de quem controla a atual sociedade da informação globalizada, que pensa a comunicação como mercadoria, somente disponível a quem puder comprá-la. Mas que, também, neste mesmo cenário, existem inúmeros atores independentes e contrários a esta lógica quase intransponível do lucro, acima de tudo, inclusive das pessoas e sociedades.

Este novo cenário está possibilitando que as TICs sejam instrumentos na busca de teorias até então não existentes. Que abrem outras veredas para o conhecimento científico e social. Alguns destes caminhos podem ser apontados quando analisamos a interatividade como ponto central no fluxo de comunicação, conexão e relacionamento<sup>11</sup>. Para tal, o pesquisador da UnB, Venício A. Lima tem a seguinte reflexão sobre a temática:

Neste início de século, a emergência de novas e revolucionárias tecnologias interativas de comunicações (em particular a Internet) obriga a uma rediscussão conceitual, cada vez mais interligada à cultura. Esse, aliás, é um aspecto fundamental que ainda não foi absorvido em sua devida proporção pelos teóricos do campo intelectual das comunicações. Uma das tendências, particularmente promissora, que pode ser identificada como característica do novo cenário tecnológico, integrado e integrador, é a interatividade, isto é, a possibilidade de interação simultânea entre emissor e receptor (leitor e/ou espectador). Otimistas chegam até mesmo a chamar as sociedades deste início de século XXI de “sociedades interativas”, muito diversas, com certeza, daquela “sociedade de massas” idealizada no século XIX e que serviu de referência aos modelos teóricos da Manipulação e da Persuasão. (LIMA, 2001, p.54-55)

Seguindo o raciocínio deste pesquisador e lembrando que este campo (dentro da já complexa e difusa busca do objeto de pesquisa da comunicação) é relativamente novo, por se tratar de um tema atual e de relevância ímpar, é necessário criar novas possibilidades teóricas e metodológicas, novos campos de observação científica, novas possibilidades que encarem esta rediscussão da comunicação em rede e interativa na busca de novos paradigmas.

---

<sup>10</sup> Ver [www.forumsocialmundial.org.br](http://www.forumsocialmundial.org.br)

<sup>11</sup> Pesquisa que vem sendo desenvolvida pelo Prof.º Dr.º Marcos Nicolau, do PPGCOM da Universidade Federal da Paraíba – UFPB.



Para tanto essa rediscussão da comunicação nas sociedades será produto de muito esforço de inúmeros atores espalhados por todo o planeta e de mais diversa origem. A comunicação como “cimento social”, argumentada por Maffesoli (2003), dialogicamente traduzida por Machado (2003), é uma realidade. Essa “cola” do mundo moderno traz o simbolismo da comunicação num patamar nunca antes visto. “Quando nos encontramos, quando nos comunicamos, diminuindo as distâncias, quando compartilhamos coisas e quando participamos de um destino comum.” (MACHADO,2003,p.15). O significado de nossa civilização pode estar mais próximo do desejado, ou seja, uma sociedade melhor para todos. Um conceito aparentemente vago que se torna palpável à medida que a comunicação consegue personificar (ou pelo menos está tentando) ideais de uma sociedade planetária:

Essa forma de vibração remete essencialmente à comunicação. A palavra comunicação serve também para encarnar o retorno dessa velha idéia que é o imaginário, ou seja, o fato de que se vibra com os outros, em torno de alguma coisa, seja qual for essa coisa. (MACHADO, 2003)

Sem dúvida, é preciso inovar nas linguagens comunicacionais, experimentar o novo, levar em consideração a diversidade em todos os seus sentidos, principalmente em relação à cultura, excluir os “projetos totalizantes”, ousar. A comunicação é uma das ciências em que esse exercício criativo é permanente, pois, do contrário, estaremos fadados a repetições de velhos modelos, “miópes” diante de um mundo que se transforma a todo instante.

Essa metamorfose diária encontrou sua plataforma no “desenvolvimento estratégico das tecnologias da informática e comunicação, com reverberações por toda a estrutura social das sociedades capitalistas avançadas” (SANTAELLA,2003). Conceitos esses que perpassam a cultura oral, a cultura escrita, a cultura impressa, a cultura de massas, cultura das mídias e a cultura digital. Onde novos ambientes socioculturais são criados e novas linguagens precisam ser utilizadas. É difícil relacionar-se com tais adventos tecnológicos sem a impressão de que seremos engolidos por eles, precisamos, na medida do possível, buscar conceitos claros perante a complexidade da sociedade moderna, dos pensamentos que tendem a se repetir, buscar uma evolução da linguagem para entender melhor essa nova cultura (ou culturas) que se apresentam midiaticamente.

Outro ponto considerado importante nesta análise, baseado nos referenciais teóricos, aqui já expostos, é o cuidado que precisamos ter com certas teorias pós-



modernas que se prendem ao abstrato do mundo real. Há uma “crise dos sentidos” do que realmente é concreto nos dias em que vivemos. Dizer, por exemplo, que as tecnologias possuem características humanas e a contradição é uma delas soa trivial, dizer, por outro lado, que somos essas culturas também soa óbvio. Fugir de clichês e fazer intervenções para além do senso comum é necessário, urgente. É claro que muitas vezes nos faltam elementos para esse exercício vital em compreender uma sociedade pós-moderna, globalizada, que tem na comunicação seu maior alicerce. Para tanto o termo “pós-moderno” vem sendo substituído por “pós-humano”, mais adequado as características da sociedade conectada e virtualizada em que vivemos.

O potencial para as combinações entre vida artificial, robótica, redes neurais e manipulação genética é tamanho que nos leva a pensar que estamos nos aproximando de um tempo em que a distinção entre vida natural e artificial não terá mais onde se balizar. De fato, tudo parece indicar que muitas funções vitais serão replicáveis maquinicamente assim como muitas máquinas adquirirão qualidades vitais. O efeito conjunto de todos esses desenvolvimentos tem recebido o nome de pós-humanismo. (SANTAELLA, 2003.p.199).

Como vemos, a tecnologia novamente se mostra como uma importante ferramenta da sociedade moderna, contemporânea, no sentido de proporcionar uma emancipação civilizatória. Aproveitando elementos de várias vertentes e origens, as quais perpassam, desde os conhecimentos científicos (classicamente formatados) até o conhecimento popular ou ordinário (não necessariamente empírico). Este último classificado como conhecimento comum (MAFFESOLI, 1987). Conseqüentemente todos os sujeitos comunicacionais, ou seja, todos os seres humanos do planeta Terra que têm acesso à rede mundial de computadores e são potenciais produtores e consumidores de conhecimento. Neste século 21, é preciso repensar essa produção de conhecimento, pautada na economia neoliberal, que tem no consumo seu suporte ideológico, de modo que haja um novo padrão de comportamento. Incentivando o consumo consciente de conhecimento sustentável, ou seja, uma mudança em relação ao uso dos suportes e ferramentas tecnológicos, de modo que estes tenham novos papéis que possam ser úteis à sociedade em geral.

Os meios de comunicação interativa, sobretudo os ligados à Internet e o processo de digitalização, a globalização das culturas, e, segundo Santos (2000) “a desterritorialização do espaço físico – onde os acontecimentos não necessariamente precisam estar em um determinado lugar materializado geograficamente”, estão presentes na dicotomia entre cultura pasteurizada (fruto da sociedade de consumo) e





respeito à diversidade, elementos para nossa compreensão de uma sociedade global, plugada pela Internet. Alimentada com o que a de melhor e pior no mundo, sem condições de fazer previsões infalíveis pelo simples fato dessas especulações serem esfaceladas pela metamorfose presente em nosso cotidiano/futuro. A única certeza, hoje, é que a comunicação estará presente em todo esse processo de construção da sociedade, de troca e propagação do conhecimento.

Portanto, caminhar em direção ao conhecimento sustentável que possa tirar mais proveito das ferramentas tecnológicas é uma opção inteligente. Que visa a introdução de novos paradigmas comunicacionais que vão, efetivamente, contribuir para a formação de uma nova sociedade a qual se forjará sob bases sistêmicas, interconectadas com a perspectiva de construir novos padrões de convivência na globalização ecológica, na qual co-existam a solidariedade multicultural, a sensibilidade ambiental, o respeito às diferenças e o uso racional dos recursos naturais.

### **Globalização Ecológica**

Os meios de comunicação representam um papel muito importante na articulação entre o local e o global. É através da mídia que o mundo se organiza diariamente. Com a convergência midiática preconizada neste século, refletir sobre a globalização que se quer é vital e inadiável. Seu *modus operandi* está esgotando suas próprias bases, haja vista elas estarem fincadas no poder do capital, como salienta Ana Teresa Pinto:

A globalização é a liberação generalizada dos mercados financeiros em âmbito planetário. Por sua natureza exclusivista e discriminadora, reúne a máxima concentração de dinheiro, enriquecendo poucos à custa da pobreza de muitos; gera injustiça econômica, aprofunda o abismo entre ricos e pobres, além de provocar marginalização e exclusão social para grande parte da humanidade. (PINTO, 2007.p.7)

Este viés da globalização começou a mudar – e a pauta do meio ambiente interferir diretamente nas regras do jogo da política mundial –, no começo da década de 1990 do século passado. O novo paradigma do desenvolvimento, o conceito de desenvolvimento sustentável, ambos introduzidos na ECO 92<sup>12</sup> e, mais recentemente,

---

<sup>12</sup> A ECO-92, Rio-92, Cúpula ou Cimeira da Terra são nomes pelos quais é mais conhecida a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (CNUMAD), realizada entre 3 e 14 de junho de 1992 no Rio de Janeiro. O seu objetivo principal era buscar meios de conciliar o desenvolvimento sócio-econômico com a conservação e proteção dos ecossistemas da Terra. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/ECO-92>. Acesso em julho de 2008.



as conclusões do Fórum Social Mundial criaram as possibilidades de uma autoridade internacional – Organização Mundial do Ambiente da ONU – que se preocupe eminentemente com as questões cruciais do meio ambiente, como, por exemplo, o aquecimento global e como fazer para combatê-lo.

A globalização ecológica, por sua vez, recoloca o ser humano no seu papel central de viver sob uma ética global que lhe propicie melhores condições de vida e maiores possibilidades de buscar alternativas. Conforme indica Ana Teresa Pinto (2007, p. 5), a Unesco prioriza o uso das TICs, desde que elas atendam a questões como estas: como podem ser utilizadas para acelerar o desenvolvimento em direção à meta de “educação para todos ao longo da vida”; como podem contribuir para reconciliar universalidade e especificidade local do conhecimento; como podem preparar os indivíduos e a sociedade de forma que eles dominem as tecnologias que permeiam crescentemente todos os setores da vida e possam tirar proveito delas.

A globalização ecológica apresenta uma nova forma de pensar, de agir e de se relacionar, privilegiando os interesses coletivos que contribuem para o bem-comum. Para os países em desenvolvimento, como o Brasil, a sustentação e o equilíbrio entre o crescimento econômico e o meio ambiente pressupõem a superação da pobreza e do subdesenvolvimento. Contudo, as riquezas naturais brasileiras, tidas como um negócio desde que os portugueses aqui aportaram para levar pau-brasil, ouro e diamantes para pagar aos ingleses suas dívidas, podem, hoje, ser vistas sob a concepção do desenvolvimento sustentável, visando garantir às futuras gerações energias alternativas e fartura alimentícia. Esta última, ponto central de uma crise planetária anunciada e resultante da ganância especulativa dos grandes mercados internacionais, do protecionismo agrícola das nações mais ricas do mundo e da produção desenfreada de biocombustíveis em detrimento da produção de alimentos, como explica matéria da revista Carta Capital em abril de 2008:

A disparada do preço dos alimentos detonou um clima de guerra global [...] Uma passeata no México contra a escalada do custo da popular *tortilha*, feita de milho americano, reuniu mais de 75 mil pessoas na capital, em janeiro [...] eles atribuem a culpa da falta de comida à expansão dos biocombustíveis, que supostamente ocupariam áreas antes destinadas aos alimentos [...] De fato, a produção de etanol de milho tem avançado nos Estados Unidos, sobre lavouras antes dedicadas ao abastecimento de comida [...] O embate se concentra na questão dos subsídios dos países ricos (Estados Unidos, Japão e nações européias) aos produtos agrícolas. Tanto que o ministro das Relações Exteriores



do Brasil, Celso Amorim, alertou para a intransigência do Primeiro Mundo, cujos bilhões de dólares e euros destinados ao campo estariam desestimulando o aumento da oferta de alimentos por parte dos países em desenvolvimento. (CARTA CAPITAL, 2008.p.24-30)

### **Considerações Finais**

O argumento exposto acima ratifica a necessidade imperiosa de mudarmos nossa sociedade global para uma outra que busque incessantemente a qualidade de vida de todos os seres humanos, onde, fazendo alusão ao exemplo colocado, a produção e distribuição de alimentos seja prioridade indiscutível para todas as nações. Nesse sentido, a comunicação interativa (propagadora de conhecimento ao possibilitar conexão entre uma infinidade de grupos e pessoas através das tecnologias da informação e comunicação) pode efetivar a globalização ecológica e, para não esquecermos o mais significativo exemplo brasileiro no quesito meio ambiente, propagar efetivamente a idéia de preservação da floresta amazônica, uma das bandeiras fundamentais desta nova sociedade.

A Amazônia brasileira desempenha um papel central em várias questões ambientais de nível global, e também se encontra estreitamente ligada às forças econômicas mundiais (pois há inúmeros interesses que vão desde a extração de sua biodiversidade até ao domínio de seus recursos hídricos). A globalização representa uma mistura de influências positivas e negativas com relação ao meio ambiente. Este fato indica a importância do Brasil e a magnitude deste bioma não só para nosso país, mas também para todo o mundo.

Portanto, remetendo ao princípio deste artigo, apontamos que é necessário construir um conhecimento coletivo da globalização ecológica, potencializando as tecnologias da informação e comunicação como vetores cruciais de interação entre as pessoas, grupos e coletivos, independentemente de suas localizações geográficas. Determinando, não pela utilização das ferramentas em si, mas pelas possibilidades que elas oferecem no ato/aprendizado de sua utilização, aprender e ensinar novas formas sustentáveis de ver e viver em nosso planeta.

### **REFERÊNCIAS**

ATHAYDE, Phidia; PINHEIRO, Márcia. **A revolta dos Pobres** – A falta de alimentos gera



protestos e novo embate entre ricos e emergentes. *Carta Capital*, São Paulo, n.493, p.24-30, abril. 2008.

CANCLINI, Nestor Garcia. **A globalização imaginada**. São Paulo: Iluminuras, 2003.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet**: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. 243 p. (Interface).

CHOMSKY, Noam. **Para entender o Poder**. São Paulo: Editora Bertrand Brasil, 2005.

JOHNSON, Steven. **Cultura da Interface** : como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2001.

LEMOS, André. **Cibercidades** (Online). Disponível em: [http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/txt\\_and1.htm](http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/txt_and1.htm). Acesso em julho de 2008.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Loyola, 1998. 212 p.

\_\_\_\_\_. **As Tecnologias da Inteligência** – o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1993.

\_\_\_\_\_. **Cibercultura**. São Paulo, Ed. 34, 1999.

LIMA, Venício A. **Mídia**: Teoria e Política. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.

MACHADO, Juremir. **A Comunicação sem fim** – Teoria Pós-Moderna da Comunicação. *Revista Famecos* (on-line), Porto Alegre, n.20, abril.2003. Disponível na Internet. <http://www.pucrs.br/famecos/pos/revfamecos/20/a02v1n20.pdf>. Acesso em julho de 2008.

MAFFESOLI, Michel. **O conhecimento comum**. Trad. Aluísio Ramos Trinta. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PINTO, Ana Teresa. **O que a globalização está fazendo com o planeta**. *Revista Visões*, 3ª. ed., julho-dez 2007. Disponível em [www.fsma.edu.br/visoes/artido%202.pdf](http://www.fsma.edu.br/visoes/artido%202.pdf) . Acesso em junho de 2008.

SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e Artes do Pós-Humano**: da Cultura das Mídias à Cibercultura. 2ª. ed. São Paulo: Paulus, 2003.



SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização** - do pensamento único à consciência universal. São Paulo: Record, 2000.

SILVERSTONE, Roger. **Por Que Estudar a Mídia?** São Paulo, Loyola, 2002.